

DESTAQUE FEMININO NA COLEÇÃO DE LIVROS RAROS DO MASP

Maria Luiza Zanatta de Souza¹

Este livro “*Origine della Greca Architettura*” cujo exemplar pode ser encontrado no núcleo de Obras Raras da Biblioteca e Centro de Documentação do acervo do Museu de Arte de São Paulo - MASP (**III 3 LR 190**) nos propõe, conforme informa o título, a compreensão da “*Origem da Arquitetura Grega*”. Narrado por PETRALBA N.N. a partir de princípios estabelecidos pelo engenheiro arquiteto Pier(tro) Giovanni Piacenza, foi publicado em Milão, no ano de 1818, pela oficina dos irmãos Ubicini.

Estudando este pequeno volume a questão que primeiramente se coloca é a da autoria do texto (**Fig.1**). Pela pesquisa na rede foram localizados outros exemplares iguais ao do MASP, em diferentes bibliotecas europeias² (Bolonha, Cremona, Padova, etc.) e, através de sua ficha de catalogação, verificamos a autoria desta singela monografia pertencente a Giuseppina Carcano Visconti³.

Uma vez respondida a questão inicial, à medida que mergulhámos neste universo do qual provinha o pequeno exemplar, a coleção de Obras Raras do MASP⁴, abriram-se novas questões e perspectivas. Entre elas reside, por exemplo, a das razões para este exemplar se encontrar atualmente nesta biblioteca: será que teria vindo de Genova a bordo do cargueiro Almirante Jaceguay, junto do casal “Pietro e Lina Bo Bardi, (**Fig. 2**) com sua coleção de obras de arte e significativa biblioteca”, em 1946?

Mesmo sem a resposta decidimos conhecer melhor a “autora” da monografia, bem como seus “conteúdos” na expectativa de desvendar motivos e razões para que o livro estivesse neste acervo de obras raras. E assim verificamos nos estudos de Chiara Marin (2013), que Giuseppina Carcano Visconti, teria sido uma pessoa de grande relevância na “Milão Napoleônica” (c. 1796-1813). Nascida em c. 1776, casara-se em primeiras núpcias com um membro da família Sopransi; depois no segundo matrimônio integrou uma das famílias mais tradicionais de Milão, ao lado de Francesco Visconti Aimi, que se tornara embaixador da República Cisalpina⁵ (**Fig. 3**) junto ao Diretório⁶ (1797-1802), e finalmente permaneceu em Paris, ao lado

¹ PNPd – CAPES: Programa de Pós-graduação em História da Arte pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP.

² Através do Catálogo do Servizio Bibliotecario Nazionale encontramos o mesmo título em 12 bibliotecas europeias, conforme <http://opac.sbn.it/>, acesso março/2015.

³ “Petralba N.N.” e o pseudônimo de Giuseppina Carcano [Visconti], cfr. Melzi, Conte Gaetano in “*Dizionario di Opere Anonime e pseudonime di scrittori italiani*”, vol. 2, 1852, p. 331.

⁴ As obras raras compreendem uma parte do núcleo inicial doado pelo casal, Pietro Maria e Lina Bo Bardi⁴, em 1977, por ocasião do 30º aniversário do museu, sendo esta uma das mais ricas bibliotecas na área de História da Arte e da Arquitetura existentes no Brasil, onde se inclui cerca de quase quatrocentos títulos.

⁵ Após a batalha de Lodi, em maio de 1796, o general francês Napoleão Bonaparte determinou a organização de dois estados — um a sul do rio Pó, a República Cispadana, e outro a norte, a República Transpadana. Estes dois, juntamente com a província de Novara, foram fundidos, mais tarde, na República Cisalpina a 29 de Junho de 1797, com capital em Milão.

⁶ Disponível em <http://www.lombardiabeniculturali.it/istituzioni/storia/?unita=04.02>

do marechal Louis Alexandre Berthier (1753-1815)⁷, o segundo homem no comando do exército de Napoleão Bonaparte. Ela ficou também conhecida por “Giuseppa”, tendo se transferido com o marido para Paris, em 1817, quando abriu uma pequena sala, onde promovia discussões artísticas, políticas e literárias a exilados lombardos. Desta maneira, num primeiro momento, imaginou-se que o pequeno texto (**Fig. 1**) pudesse servir de apoio para este tipo de discussão.

A pesquisa tomou maior fôlego com a descoberta de um grandioso retrato de Giuseppina Carcano Visconti (224 x 144 cm), que atualmente ocupa uma parede na Sala 73, do primeiro andar, no Museu do Louvre, em Paris, (**Fig. 4**). E com a leitura da biografia de Louis Alexandre Berthier (1753-1815) por Frédéric Hulot⁸, se constatou que Giuseppina teria sido uma das belezas mais célebres de Milão, quando o exército francês comandado pelo jovem Napoleão Bonaparte entrou naquela cidade, em 1796. De acordo com este estudo, ela possuía uma “beleza cultivada”; sendo extremamente ambiciosa teria tentado, sem sucesso, seduzir o próprio Napoleão. Mas como o general só tinha olhos para sua esposa Josephine de Beauharnais, outro homem viria a se apaixonar por ela: Louis Alexandre Berthier (1753-1815), o segundo homem no comando do exército de Bonaparte.

Alexandre e Giuseppina rapidamente se tornaram amantes e o relacionamento entre eles ficou logo conhecido, já que eram vistos juntos em público e o próprio marido fechava os olhos para a situação. Sempre que os dois apaixonados ficavam separados, costumavam escrever um ao outro, longas cartas de amor, que se tornaram famosas⁹, por terem caído nas mãos dos ingleses, que logo pensaram em publicá-las, pelo seu conteúdo e por alguns desenhos, um tanto quanto “indecorosos”.

Conforme HULOT, a marquesa Giuseppina tornou-se amiga de Josephine Bonaparte¹⁰, quando esta passou a morar em Milão, fato que favoreceu duplamente sua relação com Berthier.

Neste período, Napoleão comandava as tropas da Itália e fez de seu exército quase uma lenda, de acordo com a historiografia, pois lutavam praticamente desprovidos de recursos, mas revestidos pela

⁷ In “*L'arte delle donne. Per una Kunstliteratur al femminile nell'Italia dell'Ottocento*”, Chiara Marin, 2013, pp.129-134.

⁸ HULOT, Frédéric, “Le Marechal Berthier”, Paris : Pygmalion, département de Flammarion, 2007.

⁹ THIÉBAULT, IV, página 322, n. 1: “[*Les Anglais Imaginèrent de copier des lettres privées [...] que la décence ne permettait pas de livrer à la publicité de l'impression, et ils avaient jeté ces copies sur les cotes occupées par nos troupes. Un paquet contenait entre autres des lettres du général Berthier à Mme Visconti, renfermant des choses incroyables à force d'être obscènes*] in <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/cartas-ineditas-da-imperatriz-josefina-em-leilao-em-paris-1633858>.

¹⁰ Dama francesa nascida em 1763, na ilha de Martinica, onde viveu a infância e a juventude foi a primeira esposa de Napoleão. De acordo com a literatura trata-se uma mulher de estatura média, esbelta, de cabelos e olhos castanhos. Ela foi várias vezes elogiada pelo seu estilo e elegância. Seu verdadeiro nome era Rose Marie Josephe Tascher de Pagerie. Filha mais velha de Joseph-Gaspard Tascher e Rose-Claire des Vergers de Sanois, Josefina passou sua infância na Martinica, foi educada num colégio de freiras. Em agosto de 1779, Josefina e o seu pai partiram para Paris e em dezembro desse mesmo ano a jovem casou-se com o Visconde Alexandre de Beauharnais. Após ter dois filhos com Josefina, Alexandre foi guilhotinado em consequência dos anos de Terror, no decorrer da Revolução Francesa. Deste primeiro casamento ficou-lhe o título de viscondessa de Beauharnais. Casou-se em segundas núpcias, civilmente, com Napoleão Bonaparte a 9 de março de 1796, realizando a cerimônia religiosa oito anos depois, na véspera de Napoleão ser coroado imperador (**Figura 5**). Napoleão gostava muito dos filhos dela, ao ponto de adotá-los oficialmente como seus, não permitindo que fossem chamados de adotivos. Josefina tornou-se Imperatriz da França, quando Napoleão se auto coroou na catedral de Notre-Dame, in *Josefina Bonaparte*. Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2013.

coragem e pela bravura. Foi uma época marcada por importantes vitórias, que se tornaram conhecidas principalmente em função das pinturas de cenas históricas ou de batalha.

Em 1797, Alexandre Berthier conheceu um jovem pintor francês, Antoine- Jean Gros (1771-1835)¹¹, discípulo de David, muito talentoso que vivia de seu trabalho como retratista em Milão, encomendou-lhe um retrato seu narrando a vitória alcançada na famosa Batalha sobre a Ponte Lodi, e outro da marquesa Giuseppina. Berthier transportava este retrato por todo lado e ergueu inclusive uma espécie de tenda na qual se recolhia no final do dia, como se estivesse num santuário, onde a pintura ficava pendurada ao lado de duas velas e ali permanecia em pleno estado de contemplação da imagem da marquesa. Ele costumava queimar incenso em frente a obra e Napoleão achava bastante divertido o comportamento de Berthier, mas às vezes zombava dele, ao entrar no santuário e encontrá-lo no sofá, de botas falando sozinho em voz alta.

Quando Berthier partiu com Napoleão ao Egito, numa expedição em que foi acompanhado por mais de 150 personalidades da cultura (pintores, escritores, desenhistas, arqueólogos, músicos, gravadores), demorou muito a retornar, fazendo com que Giuseppina acreditasse que ele havia morrido e eles acabaram se distanciando. Então Napoleão, após em seu retorno, achou por bem casá-lo com uma de suas primas, a filha do Duque da Baviera, já que não seria possível efetuar a sua união oficial com Giuseppina, uma vez que para isso ela deveria divorciar-se do Visconti. Giuseppina achou possível tolerar a situação, tornou-se amiga da jovem esposa de Berthier e assim os dois continuaram a se encontrar.

Napoleão esteve sempre muito envolvido com problemas de extrema gravidade como a guerra, a vida militar, a política internacional, a administração e o governo dos países em seu domínio, assim como a modernização da cidade de Paris e sua aproximação com o mundo artístico europeu, buscando capturá-lo para junto do Império.

O império ultrapassou 750.000 km², com uma população de 45 milhões de habitantes. Em 1812 a Europa era composta por áreas retomadas pela França, isto é, impérios governados por Napoleão e seus familiares. Buscava-se com isso, além do domínio do território, a sua unificação aos moldes do antigo império romano.

Este Império cortejava e patrocinava grandes arquitetos, pintores, escultores e artesãos; e deste convívio procurava-se fazer o registro dos eventos, das batalhas, do então imperador Napoleão, assim aclamado, na Catedral de Notre Dame, em Paris, 1804, conforme retrato de Jacques-Louis David (**Fig. 5**)¹²

¹¹ Antoine-Jean Gros (1771 - 1835) nasceu em Paris e se tornou um dos grandes representantes do romantismo francês. Depois da Revolução Francesa, fugiu para a Itália, acusado de monarquista e em Milão foi apresentado a Bonaparte por Josefina de Beauharnais. Em 1801 ganhou um primeiro prêmio no concurso organizado por Napoleão com a obra *A Batalha de Nazaré*, no qual o pintor revela a grande admiração que tinha pelo militar. Ele assumiu o atelier de David, por ocasião do seu exílio após a queda de Napoleão.

¹²Jacques-Louis David (1748 – 1825) foi o pintor francês representante mais característico do neoclassicismo. Controlou durante anos a atividade artística francesa, sendo o pintor oficial da corte francesa e de Napoleão Bonaparte.

que atualmente se encontra no Louvre. Napoleão acolhia os artistas com grande cordialidade e sempre reservava um tempo para aproximar a arte da política. Ele promoveu o desenvolvimento de arquivos nacionais, aspirando a unificação intelectual e artística da Europa. Paris se tornou o centro da máxima efervescência cultural da França e um modelo para o restante dos países europeus.

Aos poucos os artistas foram sendo influenciados, de um lado, pela retomada do mundo antigo - graças aos trabalhos e as importantes publicações historiográficas, arqueológicas e artísticas, promovidos sobretudo pela redescoberta de Herculano e Pompéia (século XVIII), pelo desenvolvimento do método arqueológico e científico (a partir de reflexões sobre a arte antiga pelo alemão Winckelmann)¹³ - de outro, pelos ideais de pátria, coragem e heroísmo que deram continuidade ao desenvolvimento de um novo conceito artístico, que aos poucos foi sendo colocado por Napoleão a serviço do Império, o chamado Neoclassicismo.

Predominava o gosto por ambientes suntuosos (**Fig. 7**) dando a ideia do luxo e da riqueza, com muitos espelhos, candelabros, relógios, pinturas e esculturas inspiradas nos modelos greco-romanos e porcelanas de Sévres (conforme pode-se observar na ambientação da Sala 73, do Louvre, onde encontramos os quadros da marquesa Visconti (**Fig.4**) e do Imperador (**Fig.6**) em dimensões muito semelhantes.

“... a Europa na primeira década do século XIX é francesa e é a Europa de Napoleão”

in Jean Tulard, “*Napoléon, ou le mythe du sauveur*”, 1987.

No século XVII, na França foi fundada a Academia Real de Pintura e Escultura sob Louis XIV (1648); também conhecida por Academia ela exercia o total domínio sobre o ensino, a exposição e a prática artística dos profissionais de Arte. A Academia teve especial interesse pelo retorno ao modelo clássico. O Neoclassicismo representou o ponto culminante de uma fase revolucionária, marcada pela Revolução Francesa em 1789. Ele desponta na arte e na arquitetura, nos finais do século XVIII e início do XIX, buscando recriar o mundo artístico greco-romano e seu sentido heroico.

Um traço marcante deste movimento foi o interesse mais científico pela Antiguidade Clássica, alimentado pelas descobertas arqueológicas de Herculano e de Pompeia. Na Alemanha, foram os trabalhos realizados pelo arqueólogo alemão e historiador da arte antiga¹⁴ Johann Joachin Winckelmann (1717-1768). Sua obra-prima *Geschichte der Kunst des Alterthums* ("História da Arte Antiga"), publicada em 1764, foi

¹³ Além de ser considerado o fundador da arqueologia moderna, em função de seus estudos das escavações de Pompéia e Herculano, Winckelmann estabeleceu novos parâmetros para a história da arte, influenciando todo o seu desenvolvimento posterior e segundo os próprios historiadores da arte, ele também teve um papel decisivo no movimento neoclássico.

¹⁴ O texto *Geschichte der Kunst des Alterthums* ("História da Arte Antiga") foi publicado em 1764, e foi rapidamente reconhecido como uma contribuição perene para a história da arte ocidental in <http://www.arthistoricum.net/en/subjects/thematic-portals/history-of-art-history/sources-for-the-history-of-art-history-digital/johann-joachim-winckelmann-1717-1768/#>.

rapidamente reconhecida como uma contribuição importante para a história da arte ocidental. Não podemos afirmar com toda segurança que Giuseppina tenha lido o trabalho de Winckelmann, mas considerando que ela se propõe a discutir a origem da arquitetura grega e ainda reivindica seu reconhecimento público no campo das artes e das letras, imagina-se que nos tais colóquios literários, promovidos por esta senhora, os pensamentos e ideias deste historiador alemão possam ter lhe inspirado de alguma forma.

Também se tornaram os grandes nomes do neoclassicismo francês o de Antônio Canova (1757-1822) na escultura junto de Jacques Louis David (1748-1825) na pintura (**Fig.5**). David não só pintou cenas da revolução francesa, mas foi um grande entusiasta de Napoleão, decorou festas revolucionárias e retratou homens importantes. Ele teve um ateliê de renome e formou um grande número de discípulos e discípulas, conforme pesquisas mais recentes¹⁵, não só franceses, mas também outros vindos de continentes mais distantes (Espanha, Dinamarca, Estados Unidos e Rússia). Canova, por sua vez, se tornou um grande escultor no período napoleônico. Durante sua formação, partindo de Veneza, esteve em Roma, Nápoles, Herculano e Pompeia e também ali conheceu mais a fundo, a Antiguidade Romana. Trabalhou sobre temas mitológicos, grandes monumentos funerários e tornou-se um especialista em retratos.

Os artistas desde o século XVII passaram a apresentar suas pinturas ou esculturas nos salões, isto é, na Exposição Oficial da Academia de Arte. A partir da revolução francesa, as exposições se tornam mais regulares e a Academia se encarregou de todas as áreas de atuação artística: desde a aprendizagem, a divulgação e o controle crítico da arte. Verifica-se que a partir de 1810, a abertura do Salão Oficial passou a coincidir com as festas realizadas em homenagem ao Exército e, as cenas de batalhas, a glória nos combates, e o heroísmo tomam conta das telas e assim, a imagem se transforma num importante veículo de propaganda oficial dos feitos de Napoleão. De uma certa forma, a revolução francesa fomentou um amplo movimento no sentido da difusão cultural, promovendo a abertura de museus, galerias e até bibliotecas que se tornaram acessíveis a população. Jornais e revistas publicavam artigos comentando projetos e obras e o crítico de arte aparece neste contexto como alguém muito atento e preocupado com a aquisição de manuscritos e obras de arte.

As melhorias nas construções e na cidade de modo geral são sentidas e podem ser verificadas no aspecto da arquitetura, nas pomposas decorações dos salões, nos museus e galerias e principalmente nos lugares por onde passavam pintores, escultores e artistas pertencentes ao círculo de Napoleão. Além disso, os edifícios públicos, neste período, assumem feições neoclássicas e retomam da Antiguidade o modelo exemplar dos templos - já que eram os mais suntuosos - para que servissem como palácios, igrejas, órgãos de governo e até câmaras.

¹⁵ Como é o caso da obra de Marie-Denise Villers, “*Young Woman Drawing*”, 1801, oil on canvas, que atualmente se encontra no Metropolitan Museum of Art, New York City, cuja autora recebeu aulas de pintura de David e *Gérard François Pascal Simon*, autor do retrato de Giuseppina Visconti do Louvre.

Não por acaso a Missão Francesa que chegou ao Brasil em 1816, chefiada por Joachin Lebreton (1760-1819) e acompanhada por Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), Jean-Batiste Debret (1768-1848) e Grandjean de Montigny (1776-1850) procuraram reproduzir aqui princípios estéticos do neoclassicismo, difundidos na Europa desde meados do século anterior. O principal contributo deixado pela Missão, a Academia Imperial de Belas Artes, permitiu a formação, entre nós, de um grande número de artistas: pintores, escultores, gravadores e arquitetos com sólida base acadêmica, tendo introduzido elementos de erudição num ambiente artístico ainda fortemente marcado pelo empirismo.

Em 1814, após sofrer um atentado em Paris e perder seus mais importantes generais em variadas batalhas, Napoleão foi obrigado a assinar um acordo com o papa. Ele se retirou em Elba, com a mãe e uma irmã, até que fosse possível retomar o poder, graças ao apoio popular, em março de 1815. Desde a ocasião de sua renúncia, Alexandre Berthier passara a integrar a armada do rei Louis XVIII - durante os onze meses do exílio de Bonaparte. Ao ser vencido na Batalha de Waterloo, Napoleão foi obrigado a renunciar em definitivo, em junho de 1815.

Neste período destacam-se nesta sociedade as obras produzidas no atelier de Elisabeth Louise Vigée Le Brun (1755 – 1842) que retratou figuras importantes da aristocracia francesa, tendo entrado para a Academia Real de Pintura e Escultura da França, tornando-se a retratista preferida de Maria Antonieta (**Fig. 8**).

É importante lembrar que as damas da alta sociedade, além de se fazerem retratar por pintores renomados, como acontece com Josephine Bonaparte ou a própria “Petralba”, costumavam receber aulas de pintura, o que nos faz imaginar que além de estarem familiarizadas com o estudo das artes, também pudessem escrever sobre elas, já que tinham acesso aos exemplares romanos e gregos, expostos nos grandes salões. Entretanto, a autora parece se inserir em um grupo seletivo de mulheres cultas, que costumavam discutir assuntos variados (ao afirmar sua intenção em obter reconhecimento, “para honra e decoro de sua amada pátria, Milão”)¹⁶.

O livro *Origem da Arquitetura Grega* (da coleção de Obras Raras do MASP), com um frontispício bastante comum, sem imagens, traz apenas as informações de praxe como título, autor, impressor e ano de publicação, as mesmas informações observadas na capa (**Figura 1**). Logo na abertura encontramos uma carta dirigida às “Senhoras de Milão”, assinada por “Petralba N.N.” que reivindica o seu reconhecimento pelo domínio teórico - no campo das artes e das ciências.

O texto de Petralba, organizado em 79 parágrafos onde constam 3 pranchas com quinze figuras que procuram ilustrar suas colocações, na realidade discorre sobre a *Origem da Arquitetura Grega*, baseando-se em algumas passagens das Sagradas Escrituras e em comentários do *De Architectura* de Vitruvius (um tratado

¹⁶ Talvez por este motivo o livro tenha sido impresso na cidade de Milão e não na França.

do I século a.C.) que a autora dizia conhecer – mas que provavelmente, referia-se à duas publicações feitas por Pier Giovanni Piacenza¹⁷, a quem tratou por amigo, além de muito agradecer pelos desenhos enviados – conforme a nota (p), encontrada no parágrafo 76 e reunidos no final do livro.:

“[Vedendo il ch. sig. architetto Piacenza, rinnovategli i sentimenti della mia distinta stima, e fategli mille ringraziamenti dell’ offerta gentilissima che mi fa-lo; la ricevo col piu vivo aggreimento, como un pegno non equivoco della sua pregiatissima amicizia, siccome collocherò tra le poche cose rare che io ho, i bellissimi disegni, che me sono il soggetto, quando vedro disperato affato il caso che sia per farne l’uso nobilissimo a cui erano destinati, ec.]¹⁸”.

No Prefácio, em uma nota endereçada ao leitor, a autora adverte sobre os reais motivos que a levaram a enfrentar esta discussão sobre a verdadeira “*Origem da Arquitetura Grega*”, tema sobre o qual trabalhará, a partir da página 7. Petralba reproduz uma carta enviada por uma amiga - “Brilvaga S. R.” - de quem quase nada mais conhecemos, exceto o seu nome (certamente um pseudônimo), onde pede a Giuseppina que comente uma certa publicação – *Suplimento ala Gazzeta de Lugano, del 1.º aprile, 1817 (no. 13)* – cujo exemplar faz referência a notícias sobre o concurso para seleção do projeto da Basílica de São Francisco de Paula, em Nápoles (1817-1836). Destaca-se ali o problema da não correspondência, entre o programa (do concurso estabelecido por rei Ferdinando I – rei de Bourbon entre duas Sicílias) e a imagem, isto é, o “modelo vencedor” que deveria dar origem ao futuro edifício e que nada tinha a ver com o programa proposto.

Pelo que se sabe, o projeto em questão corresponde a uma encomenda feita por Ferdinando I, motivada pelo seu agradecimento da reconquista do reino de Nápoles, após o término do domínio francês¹⁹. Este fato deve ter alimentado comentários variados nos círculos franceses, tendo levado sua majestade a realizar um novo concurso, mencionado no pequeno jornal²⁰ - que normalmente atualizava o público feminino de todo tipo de informação: literatura, moda, belas artes, teatro e notícias políticas. Assim, a Sra Brilvaga pede a sua

¹⁷ No parágrafo 47 Petralba menciona uma das publicações de Pier Giovanni Piacenza de 1805 intitulada “**Esame sui Giardini antichi e moderni**”, 1805 – diz ter se baseado em seus princípios para compor seu pequeno texto. Na realidade imaginamos que Petralba tenha lido uma obra anterior, publicada por este arquiteto ativo em Milão no final do século XVIII intitulada “DISCUSSIONE RAGIONATA /DI /DUE QUISTIONI ARCHITETTONICHE /TRATTE DAL LIBRO TERZO¹⁷/ DI MARCO VITRUVIO POLLIONE / DALL’ INGEGNERE, ED ARCHITETTO COLLEGIATO/ DI MILANO/ PIETRO GIOVANNI PIACENZA , 1795 - (copia do MASP III 4 LR 355).

¹⁸ “[Vendo-o Senhor arquiteto Piacenza, renovo-lhe os sentimentos da minha mais distinta estima, e dar-lhe-ei mil graças pela graciosa oferta que me fez, a qual recebo, com o maior contentamento, como penhor inequívoco de sua preciosa amizade, por situa-lo entre as mais raras coisas que eu tenho, alguns magníficos desenhos, que tenho aqui comigo sobre este assunto, no momento em que eu estava desesperada, de fato não por coincidência, para que pudesse fazer uso nobre a qual se destinam, etc.] tradução livre da nota (p), encontrada no parágrafo 76.

¹⁹ “[Realizzata ad imitazione del Pantheon di Roma, fu fatta costruire come ex voto da Ferdinando I, per aver recuperato il regno perduto. La prima pietra fu posta nel 1817 ma la costruzione dell’edificio, su progetto dell’architetto Pietro Bianchi, fu completata solo 29 anni dopo. La Chiesa è rialzata rispetto al livello stradale e si affaccia su piazza del Plebiscito, di fronte al Palazzo Reale. La cupola della Chiesa è alta 53 metri ed è affiancata da due cupole minori laterali] in http://www.inaples.it/itinerari/itinerario_H.htm (acesso 21/05/2015).

²⁰ Il Corriere delle dame: giornale di mode, letterstura, belle arti, teatri e notizie politiche, 1817, no. 13.

amiga Petralba (Giuseppina Carcano Visconti) que comente a publicação e até corrija algumas informações apresentadas sobre o projeto para elevação de uma das “mais ricas e elaboradas construções religiosas daquele período”²¹.

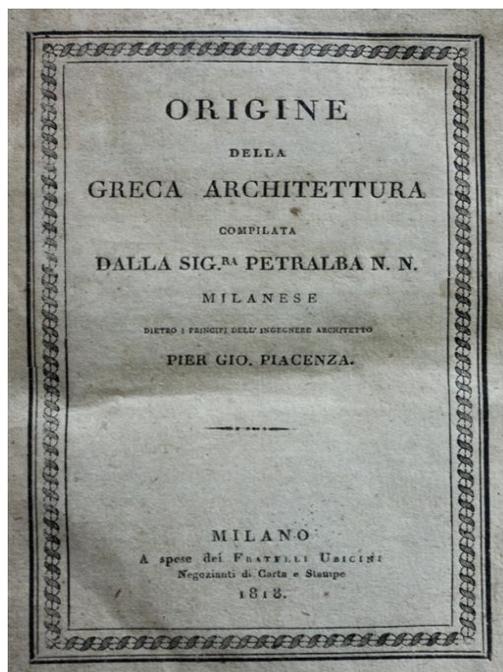
Considerações Finais

Comparando o volume pertencente ao núcleo de obras raras da Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte de São Paulo e os exemplares disponíveis na rede foi possível comprovar a integridade da obra e verdadeira sua autoria. Entretanto, até o presente momento, não encontramos nenhum documento que nos permita saber o momento da aquisição deste livro por seu antigo proprietário, o erudito Pietro Maria Bardi. Recordamos apenas sua passagem por Milão em 1924, quando se casou pela primeira vez e começou sua atividade como *marchand* e crítico de arte, a aquisição da *Galleria dell'Esame*, uma fase inicial de sua trajetória marcada por profundas leituras e profícuas publicações no campo da Arquitetura. E em uma fase mais tardia, quando ocupava o cargo de diretor do MASP, tendo já doado sua biblioteca pessoal à instituição, como bibliófilo e colecionador, afirma que continuava a comprar exemplares provenientes de livreiros europeus.

Dos estudos e do cruzamento entre obras e biografias de alguns artistas importantes da época de Napoleão conseguimos obter uma maior noção do contexto histórico e da produção artística da qual Giuseppina Carcano e sua monografia emergem: uma fase em que os artistas foram influenciados pelo mundo antigo e pelo ideal de pátria, de coragem e heroísmo que deram continuidade ao desenvolvimento de um conceito artístico, o Neoclassicismo que Napoleão colocou a serviço do Império. O Neoclassicismo ficou assim conhecido por representar um retorno aos princípios da arte da Antiguidade greco-romana cujos conceitos tornaram-se fundamentais para o ensino das artes nas academias mantidas pelos governos europeus. A obra, “*Origem da Arquitetura Grega*” compreende um singelo trabalho da ilustre senhora retratada por Gros e descortina reflexões importantes sobre a arte, a arquitetura, mas principalmente sobre a contribuição feminina, de maneira inédita no campo da teoria.

Nossa ideia com esta pesquisa não foi de esgotar completamente o assunto, mas reunir uma pequena coletânea de fontes, que possam motivar novas investigações além de refletir sobre o quanto este tipo de documentação pode auxiliar na compreensão de exemplares artísticos encontrados em galerias ou museus. Quisemos chamar atenção para os pontos de contato entre o discurso teórico e o trabalho artístico que pode ser recuperado, mesmo que fragmentariamente, com a leitura e o estudo de obras “menores”, como esta que se encontra entre os raros de importante Museu de Arte de São Paulo.

²¹ R. Middleton, D. Watkin, *Architettura dell'Ottocento*, Martellago (Venezia), Electa, 2001, p. 292.; destacamos: "la più ricca e accurata delle nuove chiese italiane".



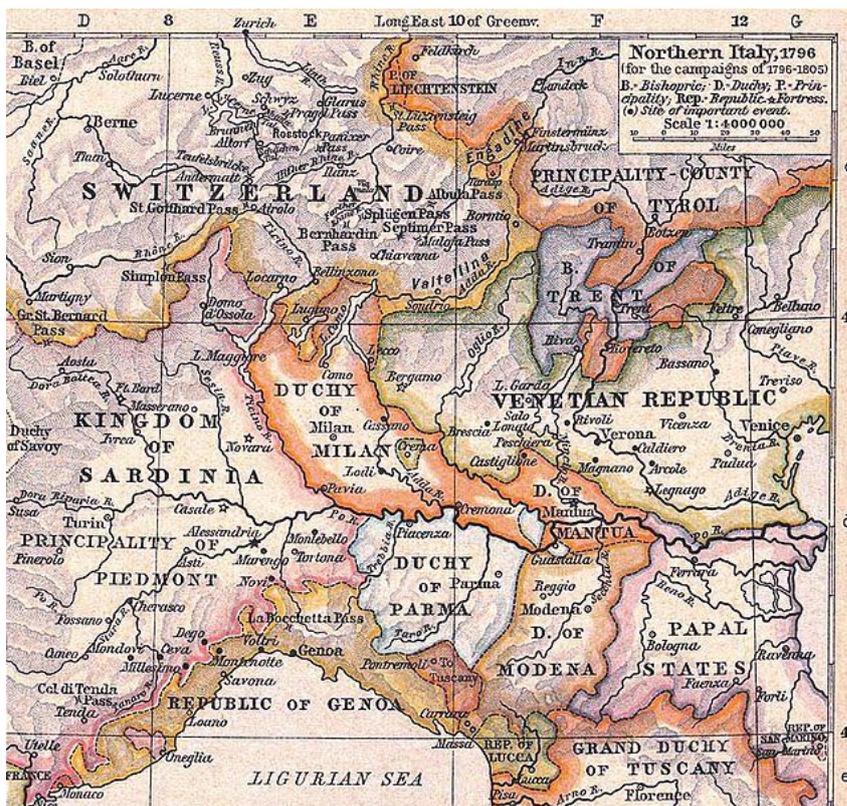
22

(Figura 1): Reprodução fotográfica do exemplar pertencente ao MASP, fornecida para uso exclusivo desta pesquisa março de 2015.



(Figura 2) Foto-reprodução extraída da internet, matéria jornal *O Globo* por Jorge Antonio Barros, 05/12/2014.

²² MASP - III 3 LR 190 - "ORIGINE DELLA GRECA ARCHITETTURA /COMPILATA/DALLA SIG.RA PETRALBA N.N. / MILANESE/ DIETRO PRINCIPI DELL' INGEGNERE ARCHITETTO/ PIER GIOVANNI PIACENZA, MILANO,1818.



(Figura 3): República Cisalpina fundada em 29 de junho de 1797, com a capital em Milão.



(Figura 4): François Gerard, (1770-1837), Retrato de Madame Visconti, Paris, Museu do Louvre, dimensão 2,24 x 1,44 m. Esta obra foi exposta no Salão de 1810.²³

²³ *Epouse de l'ancien ambassadeur de la République Cisalpine en France* Author : Gérard François Pascal Simon, baron (1770-1837) Photo Credit : (C) RMN-GP (Musée du Louvre) / Jean-Gilles Berizzi Period : 18th century, 19th century, période contemporaine de 1789 à 1914 Date : 1810. François GÉRARD Rome, 1770 - Paris, 1837 Giuseppa Carcano (1760 - 1840), marquise Visconti di Borgorato 1810 Source:cartelen.louvre.f..



(Figura 5): Jacques Louis David, (1748-1825) - A Coroação de Napoleão (2/12/1804), Paris, Museu do Louvre, (1805-1807), dimensão: 6,21 X 9,79 metros.



(Figura 6): François Gerard, (1770-1837), Retrato de Napoleão Bonaparte em costume Sacro, Paris, Museu do Louvre, c.1808, dimensão: 2,27 x 1,45m.



(Figura 7) Sala 73 – Museu do Louvre, Paris.



(Figura 8) - Atelier of an Artist 1796 de Marie-Louise Elisabeth Vigée Le Brun²⁴, 1796.

²⁴ Élisabeth Louise Vigée Le Brun est considérée comme la femme-peintre la plus importante de son temps. Elle entreprend très tôt, à l'exemple de son père, de fixer les traits de ses contemporains, révélant un talent éclatant. Dès 1778, cette autodidacte est devenue la portraitiste attitrée de la reine Marie-Antoinette, dont la protection lui vaut, à partir de 1783, de compter au nombre des rares femmes reçues à l'Académie royale de peinture et de sculpture. In <https://www.beaux-arts.ca/fr/voir/expositions/avenir/details/elisabeth-louise-vigee-le-brun-1755-1842-9518>.